



“E EU NÃO SOU UMA BICHA PRETA PENTECOSTAL?” ADESÃO A IGREJAS INCLUSIVAS E RESSIGNIFICAÇÃO DE VIDAS PRETAS

“AND ME? AM I NOT A BLACK PENTECOSTAL FAG?” ADHERENCE TO INCLUSIVE CHURCHES AND THE REDEFINITION OF BLACK LIVES

Átila Augusto dos Santos*

Sandra Duarte de Souza**

Resumo: As igrejas inclusivas¹ celebram a sexualidade “dissidente” como um dom divino. Elas surgem de lutas políticas, sociais e religiosas dos LGBTQI+ e, no Brasil, firmam-se na disputa pela identidade evangélica há aproximadamente 20 anos, reunindo uma diversidade de pessoas em termos de classe, faixa etária, gênero, sexo e raça. Apesar da grande diversidade existente nas igrejas inclusivas, as pesquisas sobre essas comunidades no Brasil têm dedicado pouca atenção especialmente aos aspectos relativos à participação e liderança de pessoas negras em suas fileiras. O presente artigo aborda essa participação e objetiva demonstrar a importância das igrejas inclusivas no processo de ressignificação das vidas de bichas pretas pentecostais diante da exclusão social por preconceito sexual, racial e religioso. Além de pesquisa bibliográfica, foram entrevistados três homens gays pentecostais cujas trajetórias religiosas em busca de acolhimento religioso se encontraram em uma das igrejas inclusivas mais pretas do Brasil: a Comunidade Nova Esperança.

Palavras-chave: Igreja inclusiva pentecostal. Raça. Sexualidade. Gênero.

* Mestre em Ciências da Religião pela UESP e doutorando pela PUC/SP. Faz parte do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL (Cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq) e membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). E-mail: atilaaugustoreligiao@gmail.com

** Doutora em Ciências da Religião, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal (Cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7858-9853>. E-mail: sanduarte3@gmail.com

¹ Adotamos o termo “igreja inclusiva” por ser essa a forma como nossos entrevistados e a própria Comunidade Nova Esperança, se referem à igreja, mas é importante ressaltar que algumas lideranças religiosas preferem dizer que são afirmativas e ou progressistas, evitando o termo “inclusiva” para que essas igrejas não sejam entendidas “apenas” como igrejas gays e/ou exclusivas para o público LGBTQI+. A esse respeito ver: DIAS, Tainah Biela. **Um “lugar para ser” (tese):** Reconstruções identitárias de pessoas LGBTQI+ cristãs nas igrejas da comunidade metropolitana. Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2172>. Acesso em: 15 ago. 2023.



Abstract: Inclusive churches celebrate "dissident" sexuality as a divine gift. They emerge from political, social, and religious struggles of LGBTQI+ individuals, and in Brazil, they have solidified their position in the dispute for evangelical identity for approximately 20 years, bringing together a diversity of people in terms of class, age, gender, sex, and race. Despite the significant diversity within inclusive churches, research on these communities in Brazil has paid little attention, especially to aspects related to the participation and leadership of Black individuals within their ranks. This article addresses this participation and aims to demonstrate the importance of inclusive churches in the process of redefining the lives of Black queer Pentecostals facing social exclusion due to sexual, racial, and religious prejudice. In addition to a bibliographic review, three gay Pentecostal men were interviewed, whose religious journeys in search of religious acceptance intersected at one of the most Black inclusive churches in Brazil: the Nova Esperança Community.

Keywords: Pentecostal Church. Race. Sexuality. Gender.

UMA PERGUNTA QUE INCOMODA

Em 1851, o discurso de Sojourner Truth² entrou para a história de luta antirracista e feminista negra. Sua pergunta na *Women's Rights Convention* a uma audiência de pastores metodistas, presbiterianos e episcopais, ainda ecoa em nossos ouvidos: “*E eu, não sou uma mulher?*”. Ao fazer essa pergunta, Truth estava se referindo ao tratamento recebido por ser negra e não ter sua realidade contemplada pela sociedade estadunidense de forma geral e pelas próprias feministas de sua época. Na ocasião, os pastores afirmavam que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens porque elas eram fisicamente frágeis, intelectualmente fracas, porque Jesus foi homem e não mulher, e porque a primeira mulher, Eva, foi uma pecadora. Após ouvir isso, Truth, uma mulher negra, idosa que tinha passado pela experiência da escravidão, resolveu se manifestar, não sem sofrer resistência, inclusive de mulheres brancas³, e sua fala foi registrada por Frances Gage com as seguintes palavras:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em

² Após sua conversão ao metodismo, Sojourner Truth abandona o seu nome de batismo, Isabella Baumfree, em 1843 e assume o nome de “Viajante da Verdade”, sob o fundamento de que iria viajar expondo a verdade dos textos bíblicos, o que fez até terminar sua jornada em 26 de novembro de 1883, com cerca de 86 anos em Battlecreek, Michigan, nos Estados Unidos da América. Vide: GELEDES, 2009. **Sojourner Truth**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

³ CRENSHAW, Kimberlê. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics," **University of Chicago Legal Forum**: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 15 ago. 2023. p. 153.



carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem — desde que eu tivesse oportunidade para isso — e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?⁴

Esse famoso questionamento tem muito a nos dizer. Se, por um lado as mulheres estavam sendo diminuídas pelo discurso daqueles homens, por outro, Sojourner Truth demonstra a realidade da vivência de mulheres negras que são “menos ainda”. Mulheres que além de serem mulheres, carregam a insígnia de serem pretas. Ela não só questiona as narrativas masculinas que negam às mulheres o direito ao voto pelo simples fato de serem mulheres. Ela vai muito além. Truth reivindica a humanidade das mulheres pretas, criticando assim, as bases sexistas e racistas sobre as quais se assenta a sociedade estadunidense de sua época. Conforme afirma Sandra Duarte de Souza⁵,

En su discurso, Sojourner Truth responde a la teología del clero con la teología de la vida. Ignorando las abstracciones teológicas del cuerpo clerical presente allí, hace teología desde su vida concreta y demanda la interseccionalidad de género, raza y clase ya en el siglo XIX, cuando surgió el feminismo y las primeras sistematizaciones teológicas feministas en los Estados Unidos.⁶

De certa forma, Sojourner Truth é precursora do que viremos a conhecer como teologia feminista negra, a partir da década de 1980. Por que trazer essa mulher para introduzir o tema da “bicha preta pentecostal”? A pergunta que intitula o presente artigo nasce inspirada na indignação de Truth ao ver sua existência (e de todas as mulheres pretas) ser apagada sob a alegação de uma mulher paradigmática que não corresponde nem às representações de mulher evocadas pelos clérigos presentes na Convenção, e nem àquelas evocadas pelas feministas brancas, que basicamente ignoravam quão racializado era o debate do sufrágio “universal”.

⁴ STANTON, Elisabeth; ANTHONY, Susan; GAGE, Matilda (2009). **History of Woman Suffrage**, v. 1, (1881). Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/28020/28020-h/28020-h.htm>. Acesso em: 25 fev. 2023.

⁵ SOUZA, Sandra Duarte de. Epistemologías feministas: una interpelación para los Estudios de Religión. In: CUERVO-ARANGO, F. A. *et al* (org.). **Los Estudios em Ciencias de las Religiones em Brasil y España**. Madri: Guillermo Escolar, 2021. p. 172.

⁶ Em seu discurso, Sojourner Truth responde à teologia do clero com a teologia da vida. Ignorando as abstrações teológicas do corpo clerical presente ali, faz teologia a partir de sua vida concreta e demanda a interseccionalidade de gênero, raça e classe já no século XIX, quando surgiu o feminismo e as primeiras sistematizações teológicas feministas nos Estados Unidos (tradução nossa).

Existe uma indiferença letal em relação às pessoas pretas, e isso se acentua quando falamos de pessoas pretas LGBTQs e pentecostais, interseccionando essas diferentes avenidas identitárias. O silêncio, assim, transforma-se em violência que resulta na morte de pessoas pretas em diversos espaços. Muitas pessoas pesquisadoras têm destacado a importância de reconhecer e valorizar as diferentes identidades e experiências, além de discutir a interseccionalidade das opressões em vários espaços de relações de poder⁷. Essa é a perspectiva que orienta o presente artigo.

O pluriverso LGBTQI+ tem sido abordado de maneira unívoca, e no âmbito dos estudos de religião isso não é diferente. A presença preta nas igrejas inclusivas não é tematizada na maioria dos escritos existentes sobre o tema, e quando as pesquisas são sobre pentecostais, parece haver um silêncio sepulcral sobre as igrejas inclusivas, mesmo sendo estas, pelo menos no Brasil, marcadamente pentecostais. Perguntar pela bicha preta pentecostal é romper com a política de apagamento de sujeitos-comunidades dissonantes dos modelos dominantes, é questionar os “universais” que persistem no fazer Ciências da Religião, é reconhecer as vivências negras e LGBTQI+, é olhar para os pentecostais em sua ampla diversidade, e fazê-lo em perspectiva interseccional.

BICHA, PRETO E PENTECOSTAL: INTERSECCIONANDO EXISTÊNCIAS

*A interseccionalidade era uma realidade vivida antes de se tornar um termo*⁸

O conceito de interseccionalidade foi cunhado pela jurista e mulher negra estadunidense Kimberlé Crenshaw. Segundo ela, a interseccionalidade:

busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas

⁷ Ver: BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019; CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 172, p. 171-188, 2002; FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008; HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019; LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: Escritos reunidos e inéditos. E-book (não-paginado). São Paulo: Ubu Editora, 2020; MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: 1 edições, 2018.

⁸ GUNDA WERNER INSTITUTE (ed.). **“Reach Everyone on the Planet...”** - Kimberlé Crenshaw and Intersectionality: Texts by and for Kimberlé Crenshaw. Berlin: Heinrich Böll Foundation in cooperation with Center for Intersectional Justice, 2019. p. 17. No original: *“Intersectionality was a lived reality before it became a term.”*

discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras⁹.

Crenshaw sugere a analogia de avenidas identitárias para a compreensão da interação entre as diversas formas de opressão que atravessam os sujeitos sociais. Trata-se de “avenidas que estruturam terrenos sociais, políticos e econômicos”¹⁰. No cruzamento dessas avenidas ocorrem colisões que impactam diferentemente as pessoas, de acordo com a interação dos mais diversos eixos de subordinação: raça, classe, sexo, sexualidade, religião etc.

As pessoas pretas LGBTI+ frequentadoras de igrejas inclusivas pentecostais estão nos perigosos cruzamentos dessas avenidas identitárias. Os sujeitos por nós entrevistados, são membros ou ex-membros da Igreja Nova Esperança, uma igreja fundada em 2004 por um grupo de homens gays que, liderados pelo pastor Justino, um homem preto, decidem iniciar a Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE)¹¹ por desejarem uma igreja “mais pentecostal”. Nossos entrevistados são homens gays negros pentecostais estigmatizados em diferentes espaços – na sociedade em geral, na comunidade LGBT, em igrejas protestantes, em igrejas pentecostais etc. – como “bichas pretas pentecostais”. Eles deram outro teor à expressão acusatória “bicha preta pentecostal”, reivindicando-a como categoria de autodefinição. Apenas recentemente, as próprias pessoas negras LGBTI+ adotaram essa autodefinição e outras, invertendo o sentido negativo e transformando-o em um sentimento de empoderamento e consciência negra.

O termo “bicha” parece ser uma adaptação da palavra francesa *biche*, que significa corsa, feminino do veado. Mas no Brasil, ele tem diversos significados, como parasita intestinal, verme, sanguessuga etc.¹² A bicha costuma ser feminina porque *biche*, além de corsa, é uma referência a uma jovem mulher na França¹³. A feminilização é colocada como critério para alguém se tornar uma bicha.

⁹ CRENSHAW, 2002, p. 177.

¹⁰ CRENSHAW, 2002, p. 177.

¹¹ Esse foi o nome inicial da Igreja que, em 2010, adotou o nome Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional e, mais tarde, passou a se identificar como Igreja Nova Esperança. O pastor Justino foi o presidente da Igreja de 2004 a 2019.

¹² OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! **Revista Periódicus**, [S.l.], v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762>.

¹³ GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.



Peter Fry e Edward MacRae¹⁴ afirmam que, num contexto social em que a misoginia se faz presente nas mais diferentes formas, a “bicha”, entendida como abjeta, só pode ser feminina, pois o feminino seria expressão de uma condição inferior, e a pessoa gay não poderia ser classificada como “masculina”, uma vez que não apresenta a virilidade necessária para tal. Assim, a bicha, não se trata apenas de alguém que mantém relações com outros homens, ela necessita ter comportamento feminino, “parecer mulher”, performar um feminino estereotipado como agudo, medroso, dependente.

A perspectiva de que o feminino é sempre mínimo e inferior reflete uma visão essencialista e hierárquica de gênero, que considera certas características como superiores ou inferiores, isto é, as noções de masculinidade e feminilidade se sustentam sobre uma estrutura de dominação que valoriza aquilo e aquele que é classificado como “naturalmente masculino”, e que atribui menor valor àquilo e, portanto, àquela que é classificada como “naturalmente feminina”. A bicha foge à concepção tradicional essencializada de masculinidade. Ela não se molda à exatidão cartesiana de uma sociedade que se constituiu a partir de dicotomias, de fixidades hegemônicas. Conforme Judith Butler¹⁵ assevera, as identidades de gênero não são fixas e podem abranger uma ampla gama de possibilidades além dos binários, masculino e feminino tradicionais. Para ela, a cis heterossexualidade normativa seria a matriz que determina o estatuto de sujeito, de vida inteligível.

A cis heteronormatividade é um conceito que se refere à crença de que ser cisgênero (identificar-se com o gênero designado ao nascer) e heterossexual são as únicas identidades de gênero e orientações sexuais “normais” e aceitáveis. Essa normatividade é reforçada pela sociedade em diversas formas, desde a educação, mídia, legislação e instituições sociais, e tem um impacto significativo nas vidas das pessoas que não se enquadram nesses padrões.¹⁶

¹⁴ FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁵ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹⁶ COELHO, Fernanda Marina Feitosa. **“MENINO JÁ NASCE MENINO, MENINA JÁ NASCE MENINA”**: Fobia religiosa de gênero e suas implicações no debate sobre o Plano Nacional de Educação brasileiro no período 2012-2014. Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1693>. Acesso em: 22 ago. 2023.



A cis heteronormatividade sustenta a violência do homem/branco/hétero e masculino, pois ele é o beneficiário principal dessa estrutura de poder e privilégio. Ao validar apenas essa identidade como a "suprema" e deslegitimar outras formas de ser, ela diminui a existência e o território do outro. O machismo, o racismo e a LGBTI+fobia são resultados diretos da cis heteronormatividade e do sistema patriarcal.

A relação entre a cis heteronormatividade e o patriarcado é fundamental para entender as dinâmicas de poder e violência presentes na sociedade. O patriarcado sustenta a ideia de que a masculinidade é superior e mais valiosa, enquanto coloca as mulheres e pessoas LGBTQIA+ em posições de subordinação. Essas estruturas opressivas estão intrinsecamente ligadas ao racismo e à LGBTI+fobia, uma vez que essas formas de opressão são construídas sobre a exclusão e a marginalização de grupos considerados "outros".

A cis heteronormatividade, que pressupõe a identificação com o gênero designado ao nascer e a orientação heterossexual como normas únicas e aceitáveis, é reforçada em várias esferas da sociedade, incluindo a religião. No entanto, ao questionar e desafiar essas normas, indivíduos LGBTQIA+ pentecostais reivindicam seu espaço e desestabilizam sistemas religiosos pautados na afirmação da supremacia do homem/branco/hétero e masculino.

Gênero é uma construção social e cultural. Não existe uma "forma correta" de expressar "feminilidade" ou "masculinidade", e a vida vivida de pessoas pretas LGBT assim o demonstra. A existência persistente da "bicha preta" pentecostal questiona os estereótipos da equação homem/branco/hétero/masculino que representa o padrão do sistema patriarcal. Ela evidencia a crítica vivente das normas sociais impostas pela cis heteronormatividade. A luta por reconhecimento e aparecimento dos corpos pretos gays no cenário pentecostal, confronta a "asepsia" homofóbica presente em um sem-número de igrejas dessa tradição.

O pentecostalismo como corrente religiosa, possui uma relação complexa com as questões de gênero, raça e sexualidade. Embora algumas vertentes pentecostais possam reforçar normas tradicionais de gênero e sexualidade, há também manifestações dentro do pentecostalismo que desafiam essas normas. As igrejas inclusivas têm sido afirmadas por pessoas LGBTI+ como "um lugar para ser"¹⁷, um lugar

¹⁷ DIAS, 2022.



onde sua existência não é ignorada, negada, interrompida. Para homens gays pretos pentecostais, essas igrejas têm sido lugar de reconhecimento e inteligibilidade social. Isso é o que pudemos constatar a partir de entrevistas com participantes da Igreja Nova Esperança. Suas trajetórias nos ajudam a compreender as experiências de dor e solidão pelas quais passaram, mas também explicitam ressignificações e novas possibilidades de vida a partir da vivência comunitária nessa igreja.

VIDAS PRETAS GAYS PENTECOSTAIS IMPORTAM: DA ABJEÇÃO À RESSIGNIFICAÇÃO

A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado¹⁸ e, a cada 34 horas¹⁹, um LGBTI+ é morto. A interseção desses dados explicita a maior vulnerabilidade do gay negro à violência física, psicológica e afetiva. A realidade de abjeção e morte acompanha a bicha preta nos mais diferentes espaços e, não raras vezes, também no ambiente religioso. Muitos gays negros buscam as igrejas cristãs protestantes e pentecostais como um abrigo para suplantar a rejeição familiar e social, porém, a maioria não se sente acolhida nesses lugares que tendem a se posicionar contrariamente a qualquer manifestação que fuja à norma heterossexual e, em alguns casos, lideranças e membros se dedicam a estabelecer verdadeiras “cruzadas” contra pessoas LGBTI+ em nome da defesa de tal norma. A pouca ou nenhuma receptividade de igrejas tradicionais a fiéis LGBTI+, termina influenciando os itinerários religiosos dessas pessoas, que tendem a transitar por vários grupos, num nomadismo compulsório em busca de aceitação.

Conforme afirma Veiga,

muitas bixas pretas não rompem com a Igreja por não mais terem fé, mas porque a instituição força esse rompimento, às vezes de modo sutil, às vezes de modo violento. Elas, que costumam ser a Beyoncé do ministério de louvor ou a Viola Davis do grupo de teatro, deixam o púlpito por terem sido desprezadas, agredidas pelos que se autoproclamam cristãos. A Igreja perde um membro, o Cristianismo esvazia-se de sentido.²⁰

¹⁸ Disponível em: <https://flacso.org.br/2016/06/06/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil-diz-cpi/>. Acesso em: 11 set. 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>. Acesso em: 11 set. 2023.

²⁰ VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Tabuleiro de Letras, [S.l.]*, v. 12, n. 1, 2018. p. 82. DOI: 10.35499/tl.v12i1.5176.



Empurradas para fora das comunidades protestantes ou pentecostais tradicionais, algumas bichas pretas têm encontrado nas igrejas inclusivas, que se constituem como territorialidades gays, lésbicas e trans, um importante espaço de valorização e legitimação do “ser preto gay pentecostal”. Elas se configuram como importantes espaços de sociabilidade para esse segmento rejeitado nos meios religiosos tradicionais. É nas igrejas inclusivas que as pessoas LGBTI+ relatam terem encontrado a dignidade de se chamarem cristãs sem senões. É ali que vivenciam a sua fé e experimentam o desatrelar de sua sexualidade da noção de pecado, passando a entendê-la como “dom de Deus”²¹, como “bênção divina”²². Em suma, nas igrejas inclusivas, as pessoas LGBTI+ afirmam se sentirem plenamente incluídas no projeto cristão de salvação. Marcelo Natividade demonstra a relevância dessas comunidades para a vivência religiosa LGBTI+:

Em tais congregações, gays, lésbicas e pessoas transgêneros se tornam pastores e pastoras, presbíteros e presbíteras, diáconos e diaconisas, obreiros e obreiras, exercendo a vida eclesial e compatibilizando cristianismo e sexualidades LGBT. A mensagem religiosa, frequentemente, inclui pessoas em trânsito de gênero na salvação, ou seja, elas não estão destinadas à danação eterna, como na maior parte das igrejas do tradicionalismo cristão. Denominações inclusivas também reconfiguram modelos de família, ao atuar em defesa do casamento igualitário e da adoção de crianças por casais de mesmo sexo. É crescente número de casais gays e lésbicos que busca oficializar sua relação por meio de união estável ou de casamento civil entre seus participantes. Seguindo essa linha, os direitos civis das pessoas LGBT são o pão cotidiano das conversas e dos púlpitos nas congregações inclusivas brasileiras.²³

A participação plena em todas as áreas da Igreja, inclusive no sacerdócio, o acesso à salvação descolado de sexualidade/gênero X ou Y, a afirmação da legitimidade e sacralidade de composições familiares distintas da hegemônica e o letramento em defesa de direitos civis LGBTI+, são alguns dos aspectos que têm motivado a adesão às igrejas inclusivas evangélicas, porém, essa adesão é majoritariamente branca. Mesmo

²¹ RETAMERO, Márcio. **Manual de Homilética**. Igreja da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2011. p. 33.

²² NATIVIDADE, Marcelo Tavares. A homossexualidade como pecado ou como bênção divina: entre discursos hegemônicos, mediações e dissidências. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê Gênero e religião. **História Agora**, v. 14, n. 2, p. 124-138, 2012.

²³ NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Deus condena ou Deus aceita? Diversidade sexual e cristianismos no Brasil. **Revista Senso**, v. 13, p. 1, 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-12/deus-condena-ou-deus-aceita-cristianismo-e-diversidade-sexual-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2023.



assim, apesar de se tratar de comunidades constituídas em sua maioria por pessoas brancas, a presença preta marca as igrejas inclusivas brasileiras desde o seu início²⁴.

A Igreja Nova Esperança, até o momento, é considerada “a mais preta das inclusivas”²⁵. Quando decidimos trazer as vivências de homens negros LGBTI+ pentecostais frequentadores ou ex-frequentadores de uma igreja inclusiva, a Igreja Nova Esperança foi a escolha “natural”, exatamente por essa configuração de sua membresia. Enéas, André e Jandeirson²⁶, três homens gays pretos que participam ou que já participaram da Nova Esperança, foram entrevistados presencialmente por um dos autores do presente artigo no mês de maio de 2022, quando estávamos saindo do período pandêmico.

As trajetórias de Eneas, André e Jandeirson, foram marcadas pelo racismo e pela homofobia da sociedade, inclusive de igrejas das quais participaram antes de chegarem à Igreja Nova Esperança. Conforme pudemos observar, o sentimento de não pertença religiosa devido à imposição de uma incompatibilidade entre fé e sexualidade não normativa, os acompanhou por anos, até conhecerem as igrejas inclusivas. A culpa, o esforço por se adaptar às normas de gênero e a tentativa de esconder sua orientação sexual, produziu dores e adoecimentos, porém, eles não desistiram de buscar outros espaços em que pudessem viver comunitariamente a integralidade da sua fé. Foi assim que, de distintas maneiras, foram se achegando à Igreja Nova Esperança.

Enéas é solteiro, tem 53 anos, paulistano e filho de pais pretos e baianos. Seu pai pastoreou a Igreja Batista do Jardim dos Ipês, na Zona Leste de São Paulo, por 20 anos. Enéas tem formação religiosa e doutrinária na Igreja Batista, tendo participado também de uma Igreja Presbiteriana. Durante anos ele se viu tentando lidar com a sexualidade e com o sentimento de não pertença nas igrejas por onde passou. O “disciplinamento” experimentado na igreja presbiteriana, o levou a questionar se seria possível seguir exercitando a sua fé:

“Eu fiquei na igreja presbiteriana até 1999, 2000. Eu já, tipo, não conseguia levar mais essa questão de sexualidade... foi quando eu decidi sair. Teve um casamento que eu ia cantar e um evento, uma cantata. Eu era solista principal. Eu tinha conflito e fui me aconselhar com o seminarista. Ele espalhou que eu o assediei e o Pastor XXX me colocou de banco e não pude

²⁴ SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ negro/a pentecostal**: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019). 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

²⁵ SANTOS, 2022.

²⁶ Os três entrevistados autorizaram o uso de seus próprios nomes na pesquisa.



cantar. Aí fiquei sem rumo. O que fazer da fé? Como seguir a fé? Como viver a fé? (Enéas - Diário de Campo, maio de 2022)

Foi assim que Enéas, em sua peregrinação por uma igreja onde pudesse viver comunitariamente a sua fé, se deparou com uma novidade, como ele mesmo relata: *“através de um folheto, eu conheci um espaço inclusivo (...) Todo mundo podia ler a bíblia, orar, e aí já era à vontade”* (Enéas - Diário de Campo, maio de 2022). Ele chegou ao evangelho inclusivo no final dos anos 1990, quando do início da Comunidade Cristã Gay (CCG), dirigida pelo pastor Victor Orellana e que mais tarde se tornaria a Igreja Acalanto. Eneas foi o primeiro líder de louvor de uma igreja inclusiva em São Paulo, até onde se tem registro.

“No início eu fiquei meio, tipo, quietinho, acanhado, tímido, porque, tudo era muito novo, mas pelo menos eu não ia ficar sem ter um contato com Deus, né? E nisso eu comecei me envolver e ele [o pastor Victor Orellana] percebeu o meu talento e já tipo assim, já me convidou. Então se cantava, geralmente cinco músicas, assim, eu cantava umas três no início e mais duas no final e no ofertório”. (Enéas - Diário de Campo, maio de 2022)

Ele afirma que foi *“para o meio inclusivo porque não podia ser eu na outra igreja”* (Enéas - Diário de Campo, maio de 2022). A demanda por reconhecimento na *“outra igreja”* implicava reiterar, performaticamente, a heteronormatividade *“para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”*²⁷. Enéas deu continuidade à sua vivência religiosa em outras igrejas inclusivas. No período de 2004 a 2014 participou ativamente também da Igreja Nova Esperança. Nas igrejas inclusivas ele afirma ter encontrado a possibilidade de ser quem é: uma bicha preta pentecostal que louva sem amarras e se sente plena. Isto podemos inferir de seu depoimento:

“O bom da igreja inclusiva eu penso que foi tipo, de você ter a Liberdade, de adorar a Deus do jeito que você é, sem o peso da condenação, né? (...) Na Nova Esperança eu ministrei o louvor por vários anos, uns quatro. Sim, todo domingo, todo domingo cheio. Tinha os dois cultos, né? (...) Uma das coisas positivas na Nova Esperança foi a questão do acolhimento, né, do Pastor Justino, muito acolhedor... Ele já, tipo, já quis me entrosar mesmo no louvor, né? Ele já me acolheu, não me quis lá quietinho, daí ele já me chamou pro coral, tudo”. (Enéas - Diário de Campo, maio de 2022)

Enéas também se refere à igreja com especial destaque para o fato de acolher pessoas negras. Segundo ele, a Nova Esperança é uma espécie de *“refúgio”* para

²⁷ BUTLER, Judith. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do “sexo”. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 154.



peessoas pretas gays que são excluídas ou vivem à margem em outras comunidades religiosas.

A trajetória de André, outro de nossos entrevistados, reforça a compreensão da importância do refazimento da vida por meio da adesão a uma igreja inclusiva. Ele é vendedor, solteiro tem 45 anos, filho adotivo de uma família estrangeira branca que mora no município de Mauá há muitos anos, e é de berço católico. Seu caminho para a Igreja Nova Esperança se deu a partir do relacionamento com um membro da Igreja²⁸. Como ele mesmo diz: “comecei a namorar um rapaz de lá, gostei e fiquei” (André - Diário de Campo, maio de 2022).

André foi uma das primeiras pessoas negras batizadas na Comunidade Nova Esperança no primeiro retiro da igreja no ano de 2004, em São Lourenço da Serra, no interior de São Paulo. Em suas palavras:

“O meu batismo foi quase há 20 anos atrás. Posso dizer que foi meu primeiro encontro com o Senhor Jesus. Então eu comecei a conhecer a igreja, passei a frequentá-la, né, a conhecer e enfim, até decidir o meu batismo. Isso quebrou paradigmas e hoje a gente pode ver como tem crescido o número de pessoas LGBTI e negras, não é? Dentro dessas igrejas, numa maior Liberdade, né de expressão também. Então eu fico muito feliz” (André - Diário de Campo, maio de 2022)

Assim como Enéas, André também não se sentia parte integrante dos meios religiosos que frequentava. A impossibilidade de compartilhar comunitariamente suas angústias falando abertamente sobre sua sexualidade, era um impedimento para que ele desenvolvesse um sentimento de pertença religiosa. Quando conheceu a Igreja Nova Esperança, ele relata ter ocorrido uma “quebra de paradigma”:

“Para mim foi muito confortável, marcante de entrar numa igreja consciente que eu sou gay, né? E que eu sou negro, sabe? Quebrando um paradigma de preconceito, né? Então, pela primeira vez, eu consegui adorar ao senhor, né, a louvar a Deus sendo eu mesmo. Antes eu não havia frequentado a fundo uma igreja evangélica, mas eu sabia do preconceito que existia dentro das igrejas evangélicas, né? Até porque, na época, eu tinha frequentado a Renascer... não cheguei a ser algum membro... Então assim, conhecer a Jesus mesmo numa maior liberdade de expressão de ser eu mesmo de sair do casulo foi lá na igreja CCNE, me sentir eu mesmo”. (André - Diário de Campo, maio de 2022)

André ressalta o ser gay e negro ao falar da adesão a uma igreja que rompia com o paradigma do preconceito sexual e racial. A liberdade de cultuar e de se expressar, de ser quem ele é, foi marcante para sua experiência religiosa e para a

²⁸ Conforme o campo indicou, observamos que a busca por parceiros é também um importante motivador da adesão a algumas igrejas inclusivas.



percepção dessa igreja como um lugar de liberdade para quem sempre esteve à margem da sociedade: *“hoje a gente pode ver como tem crescido o número de pessoas negras, não é, dentro das igrejas, numa Liberdade, né de expressão também. Então eu fico muito feliz”* (André - Diário de Campo, maio de 2022).

Jandeirson, nosso outro entrevistado, é professor, tem 45 anos, reside em Diadema e também é solteiro. No passado ele participava esporadicamente da umbanda, pois tinha alguns amigos que frequentavam o culto, mas, como ele mesmo afirma: *“não entrava para o desenvolvimento e nem fazia parte, apenas ia como expectador”* (Jandeirson - Diário de Campo, maio de 2022). Ele também frequentou a Igreja Batista, e desabafou sobre a mudança de tratamento que recebeu tão logo a liderança da igreja soube de sua orientação sexual. Segundo seu relato, ele estava *“sendo preparado para liderar uma célula e quando o pastor descobriu que eu era gay, ele até impediu que seu filho que era adolescente chegasse perto de mim. Então, eu já sofri preconceito dentro da igreja tradicional”* (Jandeirson - Diário de Campo, maio de 2022).

Depois de algum trânsito religioso e da experiência da exclusão, Jandeirson descobriu as igrejas inclusivas. Ele iniciou a sua caminhada de fé cristã inclusiva na Nova Esperança, em 2005, mas sempre esteve em trânsito religioso por outras igrejas inclusivas e também por religiões de matriz africana. Atualmente, ele frequenta a Igreja Tenda, do pastor Justino, que deixou a CCNE, para fundar essa comunidade em 2021. Para Jandeirson, a vivência comunitária em igrejas inclusivas é libertadora. Segundo ele, isso significou

“A possibilidade de poder exercer essa religião sem carregar um estigma, sem ser considerado como pecador, aberração ou qualquer outra coisa. Eu sempre digo que a igreja inclusiva precisou existir, havia uma demanda que não era cumprida, as pessoas não podiam ir sendo quem são nos seus lugares de culto tradicionais. (...) Ela veio para dar esse lugar, para que a gente pudesse ter um culto sendo quem a gente é!” (Jandeirson, Diário de Campo, maio de 2022)

Jandeirson avalia também que ainda hoje o número de pessoas negras nas igrejas inclusivas é baixo, e que isso tem implicações no formato do culto e nos conteúdos partilhados:

“Eu acho que tem pouco negro e isso reflete no que vai ser ministrado, cantado e na direção das coisas. O olhar onde tem uma pessoa negra, muda, ele traz uma vivência diferenciada, porque a gente vem carregado disso tudo, porque o ser negro é uma identidade, então você



vem carregado e imbuído disso, e aí mesmo na sua religiosidade isso se manifesta”. (Jandeirson, Diário de Campo, maio de 2022)

A crítica vem de sua forte consciência acerca das intersecções de ser negro e gay. Ele relata que sua simpatia por religiões de matriz africana tem a ver com o fato de ter encontrado acolhida nessas religiões num período em que não havia esse tipo de acolhimento em outras expressões religiosas:

“Antes do surgimento das igrejas [inclusivas], no início dos anos 2000, a única opção que se tinha era ir para as religiões de matriz africanas, porque era só lá que você era abraçado sendo quem você era. Então eu acredito que o surgimento da igreja vem trazendo resposta às pessoas que não acreditavam naquilo. Não é porque a pessoa é negra que ela vai seguir uma religião de matriz africana. Afinal, isso tem a ver com identidade e ancestralidade, o que nem todo mundo tem. Alguns até negam, inclusive”. (Jandeirson, Diário de Campo, maio de 2022)

A percepção das religiões de matriz africana como uma “opção” religiosa para homens pretos gays, está na maneira como Jandeirson pensa sua própria trajetória. Sua biografia religiosa foi e ainda é marcada pela peregrinação em busca de sentido para sua existência negra gay. Encontrar uma igreja pentecostal inclusiva foi uma descoberta importante em sua trajetória não apenas como indivíduo, mas como participante de uma comunidade que experimenta a exclusão cotidianamente. Como ele afirma, ao tratar da presença de pessoas negras gays em igrejas inclusivas: *“eu acho que a igreja inclusiva vem para trazer um novo caminho, uma nova trajetória, para cumprir um papel, para traçar e trazer um nicho de pessoas para dentro da igreja, que antes eram excluídas nas suas igrejas tradicionais”.* (Jandeirson, Diário de Campo, maio de 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento, estabelecimento e desenvolvimento das igrejas inclusivas pentecostais no Brasil despertou o interesse de diversas pessoas pesquisadoras²⁹. Observa-se, porém, que há uma lacuna nas pesquisas sobre o tema no que tange ao aspecto étnico-racial. De forma geral, as pesquisas sobre o tema carecem de um olhar interseccional que considere raça também como categoria de análise. Até o momento, a “cara pública” das igrejas inclusivas é branca, desde a sua presença na mídia até a forma como é abordada na academia, com exceção de algumas pesquisas que tangenciam o

²⁹ NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008; DIAS, 2022.



tema, como a de Marcelo Natividade. (trecho excluído para preservar identidade do autor). Trazer as vozes pretas gays pentecostais para a academia, é um primeiro movimento para a compreensão das complexas avenidas identitárias que atravessam essas vidas.

A experiência de gays pretos pentecostais, que em um momento de sua trajetória religiosa aderem a uma igreja inclusiva liderada também por um homem gay preto pentecostal, marcou definitivamente as vidas de Eneas, André e Jandeirson. Eles representam um importante contingente de bichas pretas pentecostais que têm encontrado sentido e reconhecimento em igrejas pentecostais inclusivas. Eles afirmam se verem representados em todas as áreas da Igreja, desde o sermão, louvores e mesmo na parte administrativa da comunidade, e entendem que essa representação é integral. Para os três entrevistados, as igrejas inclusivas têm sido fundamentais para a afirmação da dignidade de suas existências. Nelas eles se sentem plenamente acolhidos como pretos gays pentecostais.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa. **"MENINO JÁ NASCE MENINO, MENINA JÁ NASCE MENINA"**: Fobia religiosa de gênero e suas implicações no debate sobre o Plano Nacional de Educação brasileiro no período 2012-2014. Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1693>.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 172, p. 171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

CRENSHAW, Kimberlè. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics." **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, Iss. 1, Article 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 15 ago. 2023.



DIAS, Tainah Biela. **Um “lugar para ser”**: Reconstruções identitárias de pessoas LGBTI+ cristãs nas igrejas da comunidade metropolitana. Tese de Doutorado - Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2172>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GELEDES, 2009. **Sojourner Truth**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GUNDA WERNER INSTITUTE (ed.). **“Reach Everyone on the Planet...”** - Kimberlé Crenshaw and Intersectionality: Texts by and for Kimberlé Crenshaw. Berlin: Heinrich Böll Foundation in cooperation with Center for Intersectional Justice, 2019.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: Escritos reunidos e inéditos. E-book (não-paginado). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: 1 edições, 2018.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. A homossexualidade como pecado ou como bênção divina: entre discursos hegemônicos, mediações e dissidências. *In*: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê Gênero e religião. **História Agora**, v. 14, n. 2, p. 124-138, 2012.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Deus condena ou Deus aceita? Diversidade sexual e cristianismos no Brasil. **Revista Senso**, v. 13, p. 1, 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-12/deus-condena-ou-deus-aceita-cristianismo-e-diversidade-sexual-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! **Revista Periódicus**, v. 1, n; 9, p. 161-191, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762>.



RETAMERO, Márcio. **Manual de Homilética**. Igreja da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2011.

SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ negro/a pentecostal**: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019). 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SOUZA, Sandra Duarte de. Epistemologías feministas: uma interpelação para los Estudios de Religión. *In*: CUERVO-ARANGO, F. A *et al* (org.). **Los Estudios em Ciencias de las Religiones em Brasil y España**. Madri: Guillermo Escolar, 2021. p. 161-180.

TRUTH, Sojourner, 1851. **E não sou uma mulher?** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Recebido em: 16 set. 2023.

Aceito em: 19 abr. 2024.